

***Ma Vie en Rose* no Cine-Debate Carangola:
A Percepção dos Estudantes no Tocante A Gênero, Sexualidade e Escola**

***Ma Vie en Rose* at Cine-Debate Carangola:
The Perception of Students Regarding Gender, Sexuality and School**

Guilherme Celestino Souza Santos¹
Jairo Barduni Filho²
Eliane Laurindo Batista³

RESUMO:

Da exibição do filme *Minha Vida em Cor-de-rosa (Ma Vie en Rose)* no projeto de extensão *Cine-debate Carangola*, se formou o debate entre professores durante a atividade, o que provocou diversas reflexões muito proveitosas para a formação docente e cidadã. Nesse processo foi possível constatar como a representação fílmica deste drama da descoberta da sexualidade numa criança alcançou a percepção dos estudantes, formando situações de empatia e empenho na modificação das práticas discriminatórias costumeiras. A expectativa social quanto a papéis de gênero, e os desencaixes vividos desde cedo, apresentados pela sensibilização do filme, e pela tematização durante o debate, criaram oportunidades para rever o papel da família e da escola nesse contexto. O presente artigo se propõe apresentar a partir da experiência do cineclube e do debate com os estudantes de Licenciatura da Unidade de Carangola (dos cursos de Pedagogia, Matemática, Biologia, História, Geografia e Letras), como é possível uma formação de professores consistente no tocante às questões de gênero e sexualidade na escola, demonstrando, assim, possibilidades de ações afirmativas e inclusivas sobre a diversidade sexual no espaço escolar e nas relações sociais como um todo.

PALAVRAS-CHAVE: Cineclube; Sexualidade; Formação de Professores; Debate

¹ Guilherme Celestino Souza Santos é professor do Curso de Pedagogia da UEMG - Unidade Carangola, e de Filosofia no Ensino Médio pela SEEDUC-RJ, licenciado e mestre em Filosofia pela UFRJ, e especialista em Docência na Educação básica pelo PROGPPEC do CPII. E-mail: guilherme.santos@uemg.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3111-5623>.

² Jairo Barduni Filho é professor do Curso de Pedagogia da UEMG - Unidade Carangola, sendo Pedagogo, Mestre em Extensão Rural e Doutor em Educação pela UFJF. E-mail: jairobardunifilho@gmail.com. ORCID - <https://orcid.org/0000-0002-1050-5825>.

³ Eliane Laurindo Batista é graduanda na Licenciatura em Letras: Português e Inglês, na UEMG - Unidade Carangola. E-mail: eliane.1293571@discente.uemg.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3144-8751>

ABSTRACT:

From the screening of the film *Ma Vie en Rose* in the *Cine-debate Carangola* project, a debate was formed between teachers during the activity, which provoked several very useful reflections for teacher and citizen training. In this process, it was possible to verify how the filmic representation of this drama of the discovery of sexuality in a child reached the students' perception, forming situations of empathy and commitment to modifying customary discriminatory practices. The social expectation regarding gender roles, and the mismatches experienced from an early age, presented by the sensitization of the film, and by the thematization during the debate, created opportunities to review the role of the family and the school in this context. The present article proposes to present, from the experience of the cineclub and the debate, with the Licentiate students, how it is possible to have a consistent formation of teachers regarding gender and sexuality issues at school. Thus demonstrating affirmative and inclusive possibilities of sexual diversity in the school space and in social relations as a whole.

KEYWORDS: Cineclub; Sexuality; Teacher training; Debate

Introdução

O presente artigo visa analisar uma das ações do Projeto de Extensão *Cine-debate Carangola*, cuja edição tinha como tema “Sexualidade e Infância” e ocorreu no dia 29 de junho de 2021, via Plataforma Microsoft Teams. No mês em que se debate sobre a visibilidade LGBTQIA+, a equipe integrante do projeto de extensão convidou o Professor Jairo Barduni Filho para debater o tema “sexualidade e infância” após a exibição do filme “Minha vida em cor-de-rosa”.

O enfoque do encontro foi o debate sobre sexualidade/identidade de gênero no âmbito escolar e da educação básica. Nomeado de “Sexualidade e Infância”, o encontro foi mediado pelo coordenador do Projeto de Extensão, Prof. Me. Guilherme Celestino, com a colaboração e o apoio dos graduandos Eliane Batista, Fernanda Oliveira e Jairo Henrique, do curso de Licenciatura em Letras e Matemática.

Houve a exibição do filme europeu *Ma vie en rose* (1997), dirigido por Alain Berliner. Somando com a obra cinematográfica, o Cine Debate contou também com a participação do convidado Prof. Dr. Jairo Barduni Filho, estudioso na área de gênero e sexualidade.

O longa-metragem aborda a trajetória de Ludovic, uma criança que é vista pela sociedade como um menino, no entanto a criança afirma ser uma menina. Isso gera conflitos para a criança e para seus familiares que sofrem pressão da comunidade para enquadrar Ludovic no padrão normativo. O filme contribuiu para discussão a respeito da diversidade, representatividade da comunidade LGBTQIA+ e como lidar com a diversidade de gênero e sexualidade no contexto escolar.

Logo após a sessão do filme, ocorreu o debate com os participantes já citados e com outros participantes, em sua maioria graduandos da Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG, que na Unidade de Carangola sedia as licenciaturas de Pedagogia, Matemática, Biologia, História, Geografia e Letras e outros cursos de bacharelado. Os presentes no evento discutiram sobre a imposição de gênero que é orientada pela sociedade, ou seja, o desejo de enquadrar o outro em determinados grupos. *Ma vie en rose* também salientou a discussão sobre qual faixa etária seria ideal para futuros professores e professores trabalharem sobre sexualidade em sala de aula. Além dos momentos em que Prof. Jairo respondia as perguntas dos demais participantes, também tivemos a oportunidade de ouvir relatos de alguns convidados que contaram um pouco da própria experiência.

Além do filme ter emocionado a todos, o período do debate também foi enriquecedor onde todos tiveram a oportunidade de aprender e, conseqüentemente desenvolver competências que contribuirão para a carreira/vida docente. Muitas foram trocas de ideias ocorridas neste, estudantes manifestaram muitas dúvidas e questionamentos sobre assunto, demonstrando que estava sendo trabalhado um interesse genuíno sobre o assunto. Espera-se ter com isso contribuído de maneira significativa para a formação docente e cidadã dos participantes desta atividade de extensão.

Dando continuidade ao evento, depoimentos e resenhas foram produzidas sobre o encontro pelos alunos das Licenciaturas da Unidade de Carangola da UEMG, especialmente do Curso de Letras, e serão por aqui analisadas nas seções subsequentes. Nos textos dos alunos fica perceptível como uma atividade de extensão deste tipo pode ser relevante para formação dos professores. O filme seguido do debate permite reflexões críticas e sensíveis, posicionando os futuros docentes diante de uma postura pedagógica consistente com a inclusão da diversidade

no contexto escolar. Os preconceitos quanto à sexualidade e a homofobia que aparecem no filme assim discutidos podem e devem ser superados pela conscientização e pelo diálogo a respeito. Esse contato com um tema sensível pode ser norteador na condução de uma educação para a diversidade que contemple os sujeitos sem reduzi-los às normas sociais impostas.



Material de divulgação do evento distribuído em rede social.

Um Filme, Vários Olhares e Percepções Estudantis

Quando o pensamento se volta às tramas vivenciais nas escolas em relação aos temas gênero, sexualidades, homofobia, machismo, é necessário articular possibilidades pedagógicas, especialmente no âmbito da formação de professores, para problematizar as discussões e ações pedagógicas possíveis de serem realizadas em relação a tais assuntos. É nesse sentido que o encontro entre o cinema e a formação de professores, abordando temas tão importantes e contemporâneos para o cotidiano escolar, visa pensar os sujeitos em sua complexidade, ressaltando as singularidades buscando assim, compreender como redes de inclusão, exclusão e preconceitos são produzidos, e se do mesmo modo que estas se constroem também podem ser desconstruídas e modificadas. As diversas práticas escolares, por exemplo, são compostas no emaranhado dessas redes de subjetivação compostas por preconceitos e resistências. É bom ressaltar que a escola ainda padece de práticas resistentes a temas como as discussões para relações de gênero e sexualidades, tendo em vista que tais temas são ainda incipientes nos dispositivos normativos como é o caso do currículo, do plano político pedagógico (PPP), ou ainda nas regras disciplinares, na espacialização educacional, nas distribuições de disciplinas e no tempo, que representa um pano de fundo no sustento de todo este aparato pedagógico que, na maioria das vezes, é utilizado como justificativa para não se abordar a diversidade de gênero e de sexualidade na escola e na sociedade. Isto evidencia um interesse, velado ou não, em manter a escola como um espaço neutro, um território alheio às questões de gênero e sexualidade como querem os representantes de uma ala conservadora da política e da igreja.

Este é um dos motivos que justifica a promoção de debates sobre tais temas envolvendo estudantes em formação profissional docente de modo a fazer com que estes sujeitos estranhem a prática de silenciamento para tais temas e venham a refletir e se somar a uma pedagogia que visa a discutir a diversidade na sala de aula ou fora dela através, por exemplo, do cinema.

O cinema, ou a produção fílmica atrai os telespectadores, algo que ocorre por modos de endereçamento, que é um termo dos estudos de cinema tendo um peso teórico e político significativo. Ele é usado por teóricos do cinema para dialogar com questões como “qual é a relação entre o texto de um filme e a experiência do espectador?” (ELLSWORTH, 2001, p. 12).

Os filmes e documentários, bem como os livros e campanhas publicitárias de televisão, são feitos para alguém. Os produtores, roteiristas, empresas, visam e imaginam determinados públicos e, algumas vezes, até o desejam, explica Ellsworth (2001). A narrativa estrutural de um filme é pensada para o público que irá assistir a determinado filme. Um dispositivo cultural e pedagógico com endereço certo para atingir determinada(s) subjetividade(s). A autora ainda explicita que “o modo de endereçamento como um conceito que se refere a algo que está no texto do filme e que, então, age de alguma forma, sobre seus espectadores imaginados ou reais, ou sobre ambos” (Ibidem, p. 13). Ou seja, quanto mais real for o personagem, maior é a chance de ele conquistar fãs na plateia.

O modo de endereçamento não é visível e pode errar o alvo, uma vez que o espectador e a espectadora nunca são apenas aquilo que o filme pensa que eles são, entretanto, para que um filme atribua algum sentido aos seus espectadores, é preciso que eles se envolvam com seu modo de endereçamento, afinal “o modo de endereçamento de um filme está envolvido nos prazeres e nas interpretações dos públicos – inclusive em sua decisão de simplesmente recusar-se a ver o filme” (Ibidem, p. 24).

Assim, passamos então a destacar alguns trechos de resenhas feitas pelos telespectadores atraídos neste modo de endereçamento para tentarmos compreender o que eles capturaram, problematizaram, estranharam em relação a produção: *Ma Vie en Rose*.

Produção textual dos estudantes

Enquanto assistia o debate me deparei com uma questão que é: quando analisamos o comportamento do personagem, dizemos que ele age e se considera uma menina por gostar de “coisas de menina”, mas quem nos disse que essas coisas são de menina? Mesmo defendendo o lado do personagem, de certo modo estamos reforçando esse padrão de divisão entre feminino e masculino, é o famoso “menino veste azul e menina veste rosa”. (J. G., estudante de Letras)

O que a estudante J.G. aponta em sua leitura do filme diz respeito a interdição. A interdição segundo Foucault (2010) está ligada a exclusão uma vez que na sociedade em que vivemos, alguns discursos como, por exemplo, ligados a sexualidade e política se tornaram os campos em que não se pode falar de tudo, ou, no mínimo, deve-se falar se atentando para esse jogo complexo de permissão e interdição que envolve esses campos entendidos pelo filósofo como buracos negros. Para Foucault (2010): “Por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder.” (p.10).

Neste sentido, quando a estudante J.G. questiona: “quem nos disse que essas coisas são de menina?” Ora, quem senão a sociedade tem nos dito a respeito de como ser, estar, se comportar no mundo historicamente? Logo, o princípio de classificação e exclusão é tão social quanto a própria lógica instrumental do discurso que se traduz no sistema de dominação e organização de mundo. Um sistema que diz a respeito de desejos, vontades, ordens e interdições.

A cena mais chocante e emocionante talvez seja quando, contra a sua vontade, cortam o seu cabelo bem curto, cortando simbolicamente também seus sonhos e personalidades. Assim acontece na vida. Repensar através da construção de conhecimento sobre os direitos reconhecidos aos transexuais, e no combate ao preconceito para que todos tenham uma vida digna, promovendo reflexão, sensibilização e contribuindo assim na formação humana e cidadã. (M. V., estudante de Letras)

Os nossos corpos são o receptáculo de prazer e de dor e, quando a estudante M.V. destaca a cena em que Ana Frabre, mãe de Ludovic corta seus cabelos, ela nos remete a pensar em como o corpo, guardião de nossa subjetividade, pode ser alvo de um policiamento pedagógico corporal que instituições como família e escola, provas disso é a uniformização escolar, o disciplinamento em fileiras tanto para entrar em sala quanto para seguir com os corpos ordenados em sala de aula. É a disciplina que Foucault (2012) bem conceitua quanto diz que ela “A disciplina, ‘fabrica’ indivíduos; ela é a técnica específica de um poder que toma os indivíduos ao mesmo tempo como objetos e como instrumento de seu exercício” (p.154).

O corte de cabelo de Ludovic é uma forma de “podar” seus sonhos individuais, o sentido que a criança dava aos cabelos compridos, uma forma de ele se tornar ele e se afastar de qualquer suspeita de ser ela, de se sentir ela, ou seja, uma forma que a mãe encontrou de tentar resolver o problema da identidade da criança que, claramente incomodava seus pais e vizinhança, mas, não era um problema para o próprio Ludovic.

A suspeita por uma identidade diferente da heterossexualidade fez emergir um silêncio na cena de corte do cabelo como se aquele identificador social, o cabelo comprido, denunciasse uma verdade inconveniente para a reputação familiar. É preciso disciplinar esse menino! Corte seu cabelo! Corte a suspeita da identidade que não é “normal”. Trata-se de um tipo de Educação Sexual familiar, aquela que trabalha pela prevenção da vergonha, da humilhação de ser apontada pela vizinhança, de perder o controle sobre a sexualidade dos filhos.

A atitude promovida pelos dois professores em organizar um evento como este, reforça a importância dos graduandos em Letras e em outras disciplinas a desenvolverem um pensamento solidário, buscando acabar com as intolerâncias que assola o nosso país todos os dias, cabe a nós dar o primeiro passo, para que situações arcaicas como essas sejam jogadas no esquecimento. (W., estudante de Letras)

O cine debate foi marcante, trouxe abordagens cruciais para os alunos, e isso ajuda muito na formação de pensamento, do respeito que deve ser exercido quando se lida com o outro e com suas pluralidades, o professor está sempre lidando com o outro, com as diversidades e isso é muito interessante e importante. (G., estudante de Letras)

A sociedade ainda continua sendo uma grande percussora da exclusão social, somos humanos e não máquinas; não somos perfeitos e sim imperfeitos. A

mudança só pode acontecer se ocorrer dentro de cada um a vontade pela transformação que acontece diariamente seja aprendendo ou ensinando. Certo dia ao pesquisar sobre sinônimos da palavra preconceito entre muitas que vi, a palavra rejeição me chamou atenção. Ao procurar pelos sinônimos da palavra rejeição pude perceber que as palavras a ela ligadas refletem sentimentos que muitas vezes podem se encontrar no íntimo das pessoas. Quando uma pessoa externa qualquer tipo de preconceito através de suas atitudes podemos ter certeza de que dentro dela já existia este sentimento, muitas das vezes adquirida por alguma situação vivida ou presenciada e que só precisou de uma circunstância para aflorar. (A.C., estudante de Letras)

A percepção dos estudantes acima a respeito da formação de professor para o trabalho com as diversidades, como aponta também para a necessidade do trabalho interdisciplinar, isso é, do querer viver uma experiência juntos. Como diz Fazenda (2013): No projeto interdisciplinar não se ensina, nem se aprende: vive-se, exerce-se. (p.20). Ou seja, a intenção em trabalhar em parceria para juntos levar uma experiência fílmica para os estudantes diz de uma intenção conjunta de gerar novos conhecimentos de modo a superar o trabalho isolado de pesquisa na universidade. Acreditamos que o que agradou aos estudantes foi justamente a passagem da subjetividade para a intersubjetividade em que o desejo de criar, dialogar, poder ir além dos limites de um tempo cronometrado de aula, ou daquilo que ele permite, trouxe de inovador para o cotidiano de aula deles.

Além disso, os estudantes ressaltam a formação de pensamento, o abrir-se enquanto futuros docentes para a diversidade. Como poderíamos pensar formação docente que levasse em conta todas as dimensões que um currículo não crítico não visibiliza? Entendemos que, como aponta Perrenoud (1993) apud Cunha e Nunes (2011): “Os cursos de formação de professores os preparam para o controle da normatização, ou seja, para treinar um olhar normativo sobre a realidade, há que se dizer que nem sempre a realidade está de acordo com a norma” (p.11). De fato, quais são as possibilidades que ofertamos aos futuros professores para que estes de fato tenham recursos teóricos e práticos para lidar com a realidade que não pode ser normatizada? Um dos caminhos poderia ser a inclusão nos currículos dessas diferenças, como aponta Furlani (2011):

Essa inclusão não se traduz apenas na garantia do acesso desses sujeitos aos bancos escolares (negros, negras, gays, lésbicas, estrangeiros/as, deficientes físicos, etc.). Essa inclusão se traduz na visibilidade de sua cultura e de sua história no currículo escolar e na ressignificação positiva dessas identidades e desses sujeitos (p.52).

Outra possibilidade de evitar a normatização da realidade na formação é o que Cunha e Nunes (2011) ainda em diálogo com Perrenoud apontam sobre a construção do professor *bricoleur*, uma possibilidade para “dar conta” dessa realidade que não se pode normatizar. O professor *bricoleur* seria a socialização dos saberes docentes entre os próprios docentes, um aglutinador de experiências didáticas que não estão na agenda formal do cotidiano escolar, seria aquele professor aberto e disposto para a troca de experiências pedagógicas que envolvam o divertimento, a inventividade, a diversidade, algo que Nóvoa (2009) aponta como sendo a formação do professor construída dentro da própria profissão, ou seja, uma forma de escapar do discurso gasoso da formação descolada da realidade a partir da troca de experiências com os docentes mais experientes dentro da própria escola, ou seja, no *locus* da formação docente –

Ambiente de serviço docente. É no cotidiano escolar que aprendemos a trabalhar com a diversidade, ou seja, na prática, no compromisso com o social, aguçando o tato pedagógico e trabalhando em equipe.

Em se tratando das crianças e adolescentes, tratamos de uma questão delicada, ainda que não devesse ser. Atualmente, os conflitos ideológicos colocaram armas nos dedos dos internautas na hora de apresentar e defender suas teses, sem deixar seus inimigos – não mais somente “adversários” – terem a audácia de se expor. Nessa guerra, vemos que a sexualidade é por muitos pais um assunto proibido a seus filhos, que acreditam que a criança, ao entrar em contato com esse assunto terá sua mente lavada e o inimigo (seja lá qual deles) o levará para si. (I.B., estudante de Letras)

Segundo Mendonça e Passos (2021), com os constantes ataques contra os direitos humanos que tem ocorrido nos últimos anos no Brasil e com a retirada de direitos básicos a milhões de brasileiros em condições de carência, segue firme a construção de um projeto de poder em curso no país tem levado a criação de um inimigo, no caso, o professor que é visto nesse contexto como “professor doutrinador”. Assim, quando o estudante I.B. expõe a disputa em redes sociais que apresenta uma polarização ideológica, é evidenciado que, tal contexto se aguçou com a emergência do Movimento Escola sem Partido (MESP) e, que teve como um dos episódios conhecidos a distribuição do Kit anti-homofobia pelo Ministério da Educação em 2011 e, depois em 2014. Trata-se de um movimento que acusa docentes de realizarem uma doutrina em crianças e adolescentes, convocando os pais a defenderem seus filhos desses ataques. Segundo as autoras:

Nesse contexto cria-se a figura do professor doutrinador, aquele que impõe temas e conteúdo que contradizem a vontade e a crença das famílias. Esta visão, de que cabe à família decidir sobre o que os filhos podem aprender ou não — como ressalta um dos slogans do movimento: “meus filhos, minhas regras” —, passa a ser um dos eixos estruturantes dessa agenda e dos projetos do MESP. (p.8)

Portanto, o que percebemos é de fato um projeto de poder conservador e de extrema direita tem lançado seus tentáculos por sobre o princípio democrático e liberdade de ensinar dos professores e isso também acontece nas redes sociais uma vez que, como aponta Mendonça e Passos (2021), os números nas redes sociais do MESP (Facebook, Instagram, Twitter) alcançam os três dígitos, mostrando uma adesão a este projeto persecutório contra o ensino e contra o oferecimento de uma Educação Sexual que possa combater o preconceito e evitar abusos entre outras violências contra crianças e adolescentes.

A ideia da escola é ser um lugar democrático, onde pode-se também falar da educação sexual, que é de extrema importância, para que crianças e adolescentes identifiquem potenciais agressores, para que elas saibam identificar que algo pode estar errado, porque muita (sic) das vezes dentro do próprio lar as crianças são abusadas e não sabem o que está acontecendo, pois desconhecem sobre o assunto. (G. estudante de Letras)

A fala do estudante G. nos chama a pensar que, é também função da escola o trabalho com a Educação Sexual como sendo parte de uma agenda moderna/contemporânea que se relaciona aos direitos humanos. Lembrando que, o trabalho com as questões pertinentes a sexualidade estão presentes em documentos como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's, 1997). Furlani (2011) aponta que “Falar em direitos sexuais no âmbito da infância e da adolescência é discutir, como primeiro ponto, ‘o direito à educação sexual’ (p.28)”. E a autora continua dizendo que:

O contexto escolar pode articular discussões que reflitam como a exclusão social da infância e da adolescência tem sido apontada, mais enfaticamente, sob o ponto de vista da violência, seja ela econômica, física, emocional, moral ou material. Mais especificamente associada com as vivências da sexualidade, a vitimização sexual infanto-juvenil tem ocupado a mídia e alertado a humanidade sobre situações sexuais como exposição de seus corpos, submissão física, abuso sexual, pedofilia, pornografia, prostituição e turismo infantis (2011, p.28-29).

Além disso, cabe a escola democrática o respeito às diferenças pluralizando a sua linguagem no tocante as identidades sexuais presentes no cotidiano escolar, também cabe a escola não simplificar as manifestações das sexualidades apenas na explicação com o objetivo de reprodução em aulas de Ciências/Biologia bem como não deve propor atividades que segreguem os gêneros como, por exemplo, brincadeiras para meninos e brincadeiras para meninas. Além do mais, a escola democrática deve apoiar manifestações de estudantes que se expressem enquanto homossexuais e, fomentar o debate para o combate à violência contra a população LGBTQIA+.

Por uma Educação Inclusiva quanto à Diversidade

Trazer o tema da sexualidade, sendo pensado desde a infância, para discutir com licenciandos é um meio significativo para a formação de professores voltada para a educação para diversidade. Aprender a valorizar um processo de construção de identidade sexual (como da identidade racial, de gênero ou cultural) durante o processo de escolarização é um modo de cultivar no espaço escolar o respeito às diferenças e o combate às discriminações. Pensar e propor uma educação inclusiva quanto à diversidade diz respeito a desenvolver estratégias que abrangem, sem dúvida grupos rotineiramente discriminados, e/ou minorias, mas não só. Todo indivíduo se beneficia com a formação para a valorização e inclusão da diversidade nas formas de pensamento e convivência.

Ao ampliarmos a prática educacional para processos de inclusão e de afirmação de identidade diversas, estamos ampliando o escopo do Currículo para uma esfera trabalhada pelas chamadas Teorias Pós-Críticas (SILVA, 1999). Esse tipo de perspectiva reflete uma demanda social que agrega às lutas econômicas e ideológicas mais amplas as necessidades existenciais e subjetivas, e assumir também que o ensino, e suas previsões curriculares não são neutras, mas refletem relações de poder e resistência e, portanto, pode ser um campo de disputa.

A ação de extensão e extracurricular que foi desenvolvida pelo Projeto Cine-debate produz um exemplo de proposta que pode ser replicada na prática de diversos conteúdos disciplinares, assim como efetiva uma etapa de reflexão e formação nesses futuros professores

que passam e perceber como questões subjetivas e de construção de identidade perpassam o currículo. Em geral as diferenças de gênero e sexualidade aparecem no “currículo oculto” e muitas vezes reproduzem os preconceitos já arraigados na sociedade. Trazer um tema como “sexualidade e infância” faz escancarar o preconceito contra grupos LGBTQIA+ e convidam a conscientização dessa realidade para que futuras práticas não reproduzam isso, e se possível promovam positiva e afirmativamente a diversidade.

A percepção trabalhada através do filme e da conversa com os estudantes permite atingir o cerne da questão de modo mais intenso do que se fosse apenas por meio de uma exposição teórica e análise sobre o assunto. Deste modo, a problemática da inclusão e diversidade são trabalhadas pelas emoções despertadas, pela sensibilização despertada pelo recurso audiovisual. E por outro lado a abordagem temática pelo debate permite que essa sensibilização se amplie para uma elaboração intelectual e crítica sobre o assunto.

No caso do filme *Ma Vie en Rose*, ainda que feito em décadas passadas, consegue trazer um tema que continua muito vivo nas experiências dos estudantes que vivenciam experiências de preconceito e resistência ou que conhecem alguém que passou por isso. E filme propriamente dito, com uma música envolvente, fotografia com cores quentes e estimulantes consegue propiciar uma experiência que corrobora para a construção de uma percepção crítica e sensível no assunto.

Mais do que contar a trajetória de uma personagem, o filme fala de nós mesmos, da nossa sociedade, de uma sociedade que enquadra, que busca o enquadre constantemente, que se organiza a partir dele, que tem dificuldade de lidar com as diferenças, com aquilo que foge do controle, da norma; uma sociedade que não se cansa de se interessar pela sexualidade, dos outros e de nós mesmos, enfim, que fala de si mesma. Uma sociedade que aprendeu a buscar saberes sobre os outros também a partir de suas sexualidades. Os processos de identificação e, portanto, as construções das identidades estão intimamente interligados às sexualidades e às relações de gênero. Envolvem e estão presentes nas mais variadas instituições, práticas e discursos. (FERRARI, 2009, p.3)

Somos atravessados em nossa existência cotidiana pelos discursos e instituições nos quais fazemos parte. E nossa capacidade de nos afirmar em nossa subjetividade passa pela capacidade de decidir quanto de enquadramento, e quanto de resistência estamos dispostos a suportar em nossas vidas. Observar a situação do jovem/criança que se descobre de alguma forma LGBTQIA+ se torna algo importante numa sociedade em que os olhares estão voltados para uma definição de gênero e sexualidade desde cedo, e qualquer escape da expectativa social tende a ser reenquadrado por meio de exclusões e estigmatizações que cobram um alto custo psíquico e humano. Como bem notou a estudante A.C em sua análise destacada na seção anterior. Pois,

[...] é importante salientar que *Ma vie en Rose* não diz apenas da trajetória de Ludovic. Para além dessa trama, é um filme sobre uma característica marcante da nossa sociedade: o enquadramento. Somos uma sociedade organizada através dos símbolos e dos seus significados. Neste sentido, essa obra cinematográfica nos convida para problematizar algo mais profundo, o que nos possibilita entender e entrar na narrativa que vai sendo construída – como estamos “acostumados” a enquadrar todos, definindo-lhes lugares,

identidades, ações, o que deve o que não deve ser feito, o “certo” e o “errado”. Ludovic é personagem central nesse processo de enquadramento que marca o filme. (FERRARI, 2009, p.5)

Ludovico aponta para uma situação movida pelo “lúdico”, como seu próprio nome insinua – gosta de brincar e se vestir com os elementos do universo culturalmente definido como feminino. Sua condição “aberrante” ou “*Queer*” não é definida por seus próprios motivos ou interesses, mas pelo olhar social que não se reconhece nele, o espelho das pretensões de gênero “normais” e “adequadas”. Sua inadequação vem de fora, e o filme é muito hábil em nos mostrar como somente desse “fora”, no qual todos de alguma forma participamos é que parte qualquer tipo de enquadramento e não alinhamento.

Ludovic foge a esse enquadre. Nascido de sexo biológico masculino, Ludovic se veste como se vê, investindo na construção de um corpo feminino. Desde o início, o filme nos convida ao enquadramento e, sem perceber, vamos colocando em evidência a cultura e os significados culturais que vão nos organizando a partir daquilo que definimos como diferenças, que sabemos e marcam o que é ser menino do que é ser menina. Assim, as primeiras imagens são feitas com a câmera passeando por um quarto, um quarto adjetivado – um quarto de menina. Somos nós – os espectadores – que vamos dando esse significado para o quarto, nós que classificamos e enquadrados esse quarto e seu ocupante como quarto feminino e, portanto, quarto ocupado por uma menina. Isso é possível através dos objetos que compõem esse cômodo: paredes em tons de rosa e vermelho, objetos como coração, penteadeira com um espelho em forma de coração, bonecas espalhadas, maquiagem, tecidos em tons de rosa, enfim, cores e objetos que adquirem significado em nossa sociedade como próprios de meninas. O diretor tem o cuidado de não mostrar quem ocupa esse espaço. Até então temos contato apenas com esses objetos, símbolos suficientemente capazes de nos conduzir a um enquadramento que leva a um tipo de “certeza”, ou seja, esse quarto pertence a uma menina. Esse processo também desencadeia em nós a construção de uma identidade de quem ocupa aquele quarto, já que sabemos o que é ser uma menina, com um corpo definido, com um jeito apropriado, ou seja, vamos formando um perfil de quem ocupa aquele quarto, sem mesmo ter contato com ele. Vamos enquadrando a partir do que sabemos, através dos símbolos que nos dão informação. O nosso saber sobre o que é ser menina nos possibilita construir o “objeto” menina. (Idem, p.5-6)

Esses múltiplos olhares apontados como setas cortantes observam de perto a sexualidade de todos e cada um, deixando entrever como em nossa sociedade a sexualidade aparece como lugar da verdade. No filme os adultos olham para a sexualidade de Ludovico com expectativas normativas da heterossexualidade. Nosso olhar de espectador é também induzido em vários momentos como nas primeiras cenas a esperar que a criança com aqueles trejeitos,

em um cenário “cor-de-rosa” seja uma menina. Sendo um menino, só pode ser um “veado”⁴, palavra que dolorosamente Ludovico aprende estar associada a repressão e a exclusão.

A experiência do filme nos faz acompanhar Ludovico desde o enquadramento que passa pelo nosso olhar, e sua fuga intransigente de um sujeito a essa normatização. Família, escola e sociedade que projetam certas expectativas do “ser menino” e do “ser menina” e aquele corpo que se recusa a corresponder a essas expectativas mesmo diante da coerção e da insistência do enquadre. A subjetividade do menino se afirma na resistência aos preconceitos e olhares críticos e nos ensina que enquanto educadores nosso papel não de dever ser o da “poda” ou “castração”, mas o da aceitação da diversidade e do estímulo às múltiplas possibilidades de uma criança ou jovem se tornar aquilo que são, e desejam ser.

Referências

CUNHA, Maria Amália de Almeida Cunha, NUNES, Célia Maria Fernandes. O Habitus a serviço da formação docente e a construção do professor *bricoleur*: como pode a sociologia da educação ser útil ao futuro professor? *Revista Tempos e Espaços em Educação*, v. 06, jan./jun., 2011.

ELLSWORTH, Elisabeth. Modos de endereçamento: uma coisa de cinema; uma coisa de educação também. In DA SILVA, Tomaz Tadeu (org). *Nunca fomos humanos: nos rastros do sujeito*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FAZENDA, Ivani. *Práticas interdisciplinares na escola*. 13ª ed. São Paulo. Cortez, 2013.

FERRARI, Anderson. Ma Vie en Rose: Gênero e Sexualidades por Enquadramento e Resistências. In: *Educ. foco*, Juiz de Fora, v. 14, n. 1, mar./ago. 2009, p. 117-141.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Tradução de Laura Fraga de Pimenta Sampaio. 40ª. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

FURLANI, Gimena. *Educação sexual na sala de aula - Relações de gênero, orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças*. Autêntica Editora. 2011

OLIVEIRA, Geraldo. Educar para a diversidade. Em *A Terra é redonda*, 01/10/2020. Disponível em https://aterraeredonda.com.br/educar-para-a-diversidade/?doing_wp_cron=1639959378.1013169288635253906250 , Acesso em: 30 nov. 2021.

PASSOS, Pâmela, MENDONÇA, Amanda. *O professor é o inimigo – Uma análise sobre a perseguição docente no Brasil*. 1. ed. – Rio de Janeiro: Mórula, 2021.

⁴ A semântica cruel deste termo que a personagem do filme encontra em seu contexto está belissimamente cantada em verso na letra e música de “Não Recomendado” de Caio Prado. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=aq5yOS_XtNU , Acesso em: 15 dez. 2021.

NÓVOA, Antonio. *Para una formación de profesores construída dentro de la profesión*. Revista de Educación. set./dez, 2009.

SILVA, Tomás Tadeu da. *Documentos de identidade*. Uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

AUTOR 1 – Guilherme Celestino Souza Santos

E-mail: guilherme.santos@uemg.br

<http://orcid.org/0000-0002-3111-5623>

AUTOR 2 - Jairo Barduni Filho

E-mail: jairobardunifilho@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-1050-5825>

AUTOR 3 - Eliane Laurindo Batista

E-mail: eliane.1293571@discente.uemg.br

<https://orcid.org/0000-0002-3144-8751>

Recebido em: **17 mar. 2022**

Aprovado em: **28 mar. 2022**